

14-04-2020

## Um país de livros ignorados

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Antes de escrever um texto tenho o hábito de proceder de uma pesquisa diligente. Separo livros e artigos. Leio novas referências ou releio autores que sustentam minhas inclinações filosóficas e políticas. Pesquiso e sistematizo dados. Estruturo tópicos ou pontos do que planejo argumentar. Isso geralmente me ajuda a definir os pressupostos explorados em cada texto. Em suma, é um processo relativamente lento e requer concentração e tempo. Raramente disserto sobre assuntos que estão fora da órbita de minhas experiências; que não contam com o tempo vagaroso da reflexão, análise e rigor das fontes. Por isso, diante da babel de narrativas, optei por desviar do fluxo infinito de informações que ocupou os últimos dias e não escrever sobre Covid-19. Apesar disso, estou atento às notícias diárias pela manhã. Li textos de amigos, economistas, biólogos, médicos, filósofos, geógrafos e sociólogos acerca da pandemia do momento. Dessa maneira, escolhi falar outra vez sobre livros. Não exatamente sobre os livros que eu, meus amigos e amigas estamos lendo. Livros tirados das prateleiras para festejarem a nossa imaginação em tempos de isolamento.

Alguns leem romances e transformam os personagens em grandes parceiros de solilóquios. Outros exploram densos clássicos para aprofundarem a teoria. E todos prezam o livro como fonte inesgotável de saber, diálogo e conscientização. Sabem que com o livro em mãos é possível enfrentar a tirania, o preconceito, o atraso e a alienação.

Aprecio bibliotecas, livrarias e sebos. Aprendi sempre a carregar um livro. Se for à padaria levo um livro. Se for à lotérica levo um livro. Se viajar, levo livros. Nas minhas férias, leio livros. Leio no aeroporto, na rodoviária, no avião e no ônibus. Nas minhas aulas, há sempre livros na mesa. Se estiver na rua e deparar com livros expostos na calçada, paro para olhá-los. Foi assim que certo dia, no corredor da universidade em que trabalho, deparei com uma pilha de livros e revistas descartada da biblioteca e exposta para quem tivesse interesse. Parei e fui manusear cada livro e revista. Encontrei *Gramática histórica da língua portuguesa*, (Edição de 1966), do filólogo Manuel Said Ali Ida (1861-1953), publicado pela primeira vez em 1931. Peguei o livro e coloquei na mochila sem saber muitos detalhes sobre ele. Ao chegar em casa e pesquisar melhor, constatei que é um clássico precioso, essencial para quem é curioso ou gosta de explorar a formação de palavras, a origem e a evolução da língua portuguesa. Ademais, abri o site da Estante Virtual, digitei o título e descobri que há edições à venda por valores que chegam a R\$ 700,00. Por conseguinte, essa história real, um episódio aparentemente prosaico, esclarece componentes da cultura e da formação da cultura e da sociedade brasileiras. Dialoga com a educação e com a cognição, que são universais.

Como um livro emblemático e importante, de um autor respeitado, é desconhecido e ignorado na biblioteca de uma universidade pública? Quiçá o desprezo se deva ao desconhecimento, inclusive deste assunto estrito que é a gramática histórica. Assunto talvez só possível para as pessoas muito eruditas. Mas, essa indiferença por um clássico não revela só o desconhecimento do assunto, a gramática histórica. Ela indica a falta de importância que a sociedade brasileira ou grande parte dela dá ao livro, e por consequência, à educação, às aulas e à escola. Sintetiza a precariedade da relação do país com o livro, com a escola. Todavia, quero ressaltar de fato uma questão que me interpela desde que ingressei na universidade: a desconsideração pela teoria mesmo nessa instituição, mesmo nos círculos dos cursos de ciências humanas.

Além de minha experiência, já ouvi de professores e amigos os seguintes questionamentos: o que tem na teoria que amedronta as pessoas? O que faz com que ela seja temida mesmo na universidade, lugar em que é necessária, debatida e interrogada? As pessoas que estudam, leem, dedicam parte de seu tempo para pesquisarem a “arqueologia do saber”, como fez Michel Foucault (1926-1984), ou os fundamentos dos saberes, com frequência sofrem preconceito; ou aquelas pessoas que fazem uma interpretação dos eventos da vida, os sentidos e as contradições das coisas a partir da teoria, geralmente são repugnadas. É como se houvesse uma preferência pelo senso comum. Pelo banal e ordinário.

Pelo bom gosto geral. Pelas repetições insossas.

Pelas denúncias abstratas. Pelas críticas externalizadas. Consequentemente, é como se temessem as interpretações teóricas, profundas e rigorosas. A adesão ao discurso fácil, a repulsão à crítica teórica ou à interpretação teórica talvez expressem aquilo que Paulo Freire (1921-1987) sintetizou como a precariedade histórica da escola brasileira.

Sua justificativa é que a elite brasileira desconsiderou o livro.

Fez opção pelo latifúndio ao livro, à escravidão ao livro, o boi ao livro, o coronelismo ao livro, o atraso ao livro, à corrupção ao livro. Isso não quer dizer que a teoria, dilatada nos livros, resolve tudo; ou que não possa haver alienações a partir do discurso teórico. O fato é que a própria teoria precisa ser criticada. E conforme dito por Karl Marx (1818-1883), o critério da crítica é a realidade. Se a teoria desloca, afasta-se ou entra em suspensão em relação à realidade, a teoria perde sentido. Vira apenas discurso. Milton Santos (1926-2001) fez uma diferença entre teoria e discurso: toda teoria se realiza em um discurso, mas, nem todo discurso conduz a uma teoria.

A teoria deslocada dos problemas do mundo cria o discurso vazio, vazio e inútil. É hermética e vagueia solitária.

Mas, a questão do nosso texto, o desprezo pelo livro e a recusa pela teoria mesmo na universidade, mesmo nas ciências humanas, tem um sentido político: é a repugnância pela crítica. Em muitos casos é a opção dos preguiçosos, dos que têm dificuldades de estudarem com concentração e disciplina. Daqueles que acham que pensar não tem sentido.

A teoria existe porque a experiência não basta, mas sem a experiência a teoria pode ser vazia, diz com frequência meu amigo e geógrafo Eguimar Chaveiro (UFG).

[continua](#)

|   |  |
|---|--|
| <p>Tanto é que o marxismo constituiu uma palavra para unificar teoria e prática, a <i>práxis</i>. E a <i>práxis</i> como componente constituinte da ação e da teoria é axiológica, possui um valor, orienta visões de mundo. Então, podemos dizer que há teorias de direita e teorias de esquerda. Há, por exemplo, as teorias que defendem o socialismo como as condições pelas quais a humanidade pode ser solidária e a riqueza pode ser dividida; e as teorias liberais, neoliberais e ultraliberais, que evocam o sujeito neoliberal, cultivam a competição e o estrategismo; argumentam que a força do capital é que deve destinar quem se torna dono da riqueza.</p> <p>Quando Vladimir Lenin (1870-1924) disse que sem teoria revolucionária não há revolução, estava dizendo que sem teoria revolucionária não há desalienação. Por isso, há que se protestar contra os discursos que ignoram a teoria, seja na direita, seja na esquerda; seja na universidade, seja fora dela.</p> | <p>A teoria existe para o pensamento procurar meios de humanizar o ser humano, como disse Paulo Freire; ou para libertar o ser humano de qualquer escravização, como disse Jean-Paul Sartre (1905-1980). Para a teoria é preciso prezar os livros. Não se pode deixá-los mofando nas bibliotecas, ou desprezados nos corredores das universidades.</p> <p>Finalmente, apesar de amar os livros, toda vez que me sinto cansado, fadigado com a política e burocracia do trabalho, costumo viajar ao encontro de minha família em Santa Rosa, no município de Coromandel, Minas Gerais.</p> <p>Lá, meus familiares e as pessoas simples do lugar pouco conhecem as matérias teóricas dos livros. Entretanto, com elas celebro a festa das palavras narradas pelos contadores de casos. Tenho sorte de gostar dos livros; tenho mais sorte ainda de ter nascido naquela terra, retornar a ela e sob o céu bordado de estrelas, ouvir aqueles narradores anônimos. ■ ■ ■</p> |
| <p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>   |  |